

Catolicismo e Integralismo

como lugares de produção do conhecimento histórico entre Brasil e Portugal em começos do século xx

Novo olhar permite, então, que se localize um interdiscurso e intertextualidade entre o Brasil e Portugal quanto à construção discursiva do movimento e campo de atuação dos integralistas, mais o lugar dos católicos no movimento, o que também nos leva a relacionar o movimento das missões do século XX e a participação dos Jesuítas portugueses na propagação e atuação do movimento integralista.

Giselda Brito Silva

Professora do Curso de Graduação e Pós-Graduação em História da UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Particularmente, procuraremos trazer a esse colóquio os aspectos positivos da flexibilidade do olhar do historiador para outros lugares além dos convencionalmente apontados pelos seus pares e lugares institucionais em relação à temática do Integralismo, como lugar que, em função da escolha das perspectivas de abordagem, podem ou não relacionar a História do Brasil com a História de Portugal. Conforme tentaremos mostrar, o Integralismo, movimento conhecido como fascismo brasileiro dos anos 1930, foi, até o final da década de 1990, relacionado à história da Alemanha e Itália, ficando praticamente desconhecida da historiografia brasileira a relação do Brasil com Portugal quanto às influências do Integralismo Lusitano e do Salazarismo.

Em função das condições de abordagem até aquele momento, o pesquisador dessa temática seguia as indicações documentais e bibliográficas, freqüentemente, preocupado com problemáticas que circundassem a questão das influências nazi-fascistas no movimento. Geralmente, as pesquisas partiam do clássico trabalho de Héglio Trindade e dele seguiam sobre o ser ou não ser do integralismo o “fascismo brasileiro”. Com a abordagem marxista, predominante no Brasil, naquele momento, procurava-se mostrar a aliança política do movimento com o governo de Getúlio Vargas na implantação do Estado Novo e na perseguição aos comunistas. O que nos interessa destacar nesse caso, é que

em função desse direcionamento, muitas pesquisas acabaram afirmando simplistamente uma relação harmoniosa entre Getúlio Vargas e os integralistas unidos na repressão aos comunistas, quando os arquivos policiais, já abertos nesse período e acessíveis ao historiador, guardavam informações importantes acerca de uma relação bastante tumultuada entre o governo e os integralistas, cercada de conflitos e policiamento em vários Estados do país. Além disso, e este é o ponto que aqui mais nos interessa, a historiografia brasileira ignorou por muitos anos os pontos de contato entre o integralismo brasileiro com o integralismo lusitano, o nacional-sindicalismo e o salazarismo nos estudos da história política da chamada Era Vargas, haja vista as intenções das pesquisas em provar as influências italianas e alemãs no Brasil desse período, seguidas para as relações com os Estado Unidos por ocasião da Segunda Guerra Mundial.

Objetivando tratar do caráter fascista ou não do movimento, os historiadores investiram em documentos escritos, especialmente procurando nas construções discursivas do movimento, juntamente com suas práticas políticas e simbólicas (fardas, desfiles, signos e símbolos), as marcas das similitudes com os clássicos movimentos fascistas. Obviamente, a manutenção dessas perspectivas de abordagens por tanto tempo teve sua razão de ser, visto que estes são de fato históricos relevantes que também compõem a história do movimento e do período, especialmente quando se quis tratar da construção de um governo do tipo forte e autoritário, que em muito se aproximava dos moldes nazi-fascistas. Contudo, o que queremos ressaltar é que a manutenção de um mesmo lugar de análise por muito tempo acabou prejudicando o olhar do historiador para outros dados importantes acerca de sua história do tema e do período, aqui no caso, a relação do Brasil com Portugal, quanto às influências entre Integralistas, Varguistas e Salazaristas.

Observe-se que os documentos integralistas escolhidos pelas perspectivas de abordagem daqueles momentos, em função das perguntas que lhes eram feitas na época, resultavam numa dada informação da sua relação ou não com a Itália ou com a Alemanha tendo os integralistas como mediadores. Separa-se desse período documentos integralistas que, freqüentemente, negam esse vínculo, afirmando a *originalidade* do integralismo; documentos oficiais do governo, bem como de grupos e movimentos adversários do integralismo, que afirmam a ligação. Outros que, ligados aos movimentos migratórios alemães e italianos para o Brasil, investem na identificação dos pontos de contato entre estes países e povos. Nestes lugares de intenções determinadas, as referências a Portugal foram esquecidas ou restritas à indicação do lugar de “fuga” de Plínio Salgado após o ataque ao Palácio do Catete, em 1939. Nestas partes, os pesquisadores apenas se limitavam a dizer que Plínio Salgado teria procurado amigos portugueses, sem especificação mais aprofundada de que se tratava dos integralistas lusitanos da primeira geração.

Também em nossas pesquisas iniciais acerca da temática, como não poderia deixar de ser uma vez guiada pelas leituras iniciais sobre o integralismo, também direcionamos nosso olhar para o Brasil em suas relações com a Itália e a Alemanha. Contudo, quando passamos a investir noutros tipos de fontes, especialmente as fontes orais, começamos a perceber outros pontos de apoio do movimento para além das influências nazi-fascistas alemãs e italianas. Destas fontes surgiram dois pontos fundamentais para se compreender o integralismo que começam a se distanciar do lugar comum da historiografia deste tema: a base católica do movimento no Nordeste

e, ligados ao catolicismo, a importância dos intelectuais católicos como base de propaganda do integralismo.

Nesse momento, reorganizamos nosso olhar sobre a Ação Integralista Brasileira e procuramos evidenciar que, no Estado de Pernambuco, particularmente, havia predominado outro tipo de influência para além das discussões nazis-fascistas: a do *catolicismo*, muito forte numa sociedade conservadora e tradicional do tipo da pernambucana. Procuramos, então, mostrar que o Integralismo não era um movimento uniforme em todo o país e que as indicações de ligação com o fascismo e o nazismo serviam a determinados lugares, mas não a outros. Dessa primeira mudança de perspectiva, com a introdução da questão do catolicismo, mais a leitura da fonte oral, surgiram novas pistas sobre a história do integralismo que indicava a importância da introdução de duas novas problemáticas para a ampliação do conhecimento dessa história e que volta a ligar o Brasil a Portugal: a) o lugar dos intelectuais e católicos no movimento, o que nos levou à questão b) a importância das influências do Integralismo Lusitano e do Salazarismo tanto no movimento integralista no Brasil como no governo estadonovista de Getúlio Vargas a partir da literatura produzida pelos intelectuais católicos integralistas ou simpáticos ao movimento.

Estas questões nos levaram, então, a introduzir leituras de memorialistas e biografias de intelectuais católicos que reforçaram os dados argumentativos da importância de Portugal na Era Vargas, relação pouco ou quase nada trabalhada pela historiografia brasileira, especialmente para o movimento no estado de Pernambuco.

É importante destacar que, estas mudanças de olhar historiográfico se deram, principalmente, em função das novas leituras teórico-metodológicas no campo da História Política. Conforme tentaremos mostrar, é em função dessas mudanças de perspectiva de produção historiográfica, que passa a ligar o político ao cultural e ao religioso, é que vamos localizar nos estudos do integralismo a importância da *Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste entre 1911 e 1938*. Aqui, a história do Brasil retoma um diálogo com a de Portugal que parecia quebrado com a implantação da República no Brasil.

Sobre a escrita da história no campo político, René Rémond diz que,

«a história não vive fora do tempo em que é escrita, ainda mais quando se trata da história política: suas variações são resultado tanto das mudanças que afetam o político como das que dizem respeito ao olhar que o historiador dirige ao político.»¹

Exemplo disso que nos diz René Rémond é a escrita do integralismo no Brasil que, conforme já adiantamos acima, passou a ter sua história reescrita em função das mudanças nas condições de produção da história. Em nossa perspectiva de refletir a questão, neste momento (2006), entendemos que até 1990, a relação Brasil - Portugal não pesava como estudo interessante. Naquele momento a historiografia brasileira estava mais interessada em mostrar o avanço do capital imperialista comandado pela extrema-direita que penetrava no Brasil, via as idéias integralistas em sua relação com a Alemanha e a Itália, mais o jogo de Getúlio com o Capital norte-americano na luta anticomunista. A perspectiva marxista, principalmente, mas, não somente,

¹ RÉMOND, René. (org.) *Por uma história Política*. Rio de Janeiro, FGV, 2003. p. 22.

interessava-se por mostrar o nível de dependência da marcha política e econômica do Brasil em relação a esses países imperialistas.

Segundo André Burguière², a influência francesa da historiografia contribuiu muito para que se adotasse até metade do século XX, em vários países, um modelo de estudo histórico que via todos os fenômenos políticos e culturais a partir das concepções evolucionistas da marcha da humanidade em direção a um progresso humano. Esse modelo francês encontra em Karl Marx e seus seguidores um reconhecimento em torno da temática da luta de classes, que propaga ao mundo um modelo de história global e universal. Paulo Mercadante – em seu estudo sobre “*A Consciência Conservadora no Brasil*” –, serve para exemplificar o que nos diz André Burguière para o caso brasileiro, quando na análise explicativa da formação e atuação da classe conservadora brasileira, registrar que:

«Os historiadores franceses da Restauração, atentos à lição da História, deram um passo adiante, substituindo povo por classes, ‘como portadora da consciência em estado de evolução histórica’. O Materialismo Histórico, pouco depois, desenvolveria sistematicamente...o novo método crítico, aplicado ao pensamento. [Mostrando que] ideologia e classe fundem-se num só conceito.»³

Essa não é uma perspectiva de explicação isolada. No Brasil, esse modelo geral da história levou vários historiadores a escrever a história sempre a partir de um começo colonial ligado ao domínio do império português donde deveria seguir para estudos que fossem focando os fatos que indicavam o processo libertário dessa situação de dependência colonial até o nível de emancipação política, econômica e cultural no século XX, que liga esse país aos EUA, Alemanha e outros países da corrida capitalista desse momento. Outro exemplo é o clássico trabalho de Caio Prado Júnior (*História do Brasil Contemporâneo*) que, juntamente com outros marxistas atuantes entre as décadas 1970/80, começa seus estudos com o período colonial para indicar o movimento da história em seu processo de libertação do domínio colonial português, passando pelos acordos de dependência com a Inglaterra até chegar à interferência norte-americana na vida brasileira após a Primeira Guerra Mundial, situação que se reforça após a Segunda Guerra Mundial.

Portugal como nação pouco representativa da reação imperialista capitalista no Brasil do começo do século XX, pelas perspectivas de abordagem da história marxista, chega às produções historiográficas em 1990 apenas nos estudos que querem mostrar as origens de nossa pobreza, dependência e subordinação ao capital internacional, para em seguida pular para as relações com as nações mais em destaque no capitalismo desse momento. Os temas da República são dissociados da história portuguesa, ao ponto de produzir no Brasil certo desconhecimento quanto à existência e lugar do “Integralismo Lusitano” e do “Estado Novo” de Salazar na Segunda República brasileira ou na chamada Era Vargas.

² BURGUIÈRE, André. “Da História evolucionista à história complexa”. In: MORIN, Edgar. *A Religação dos saberes: o desafio do século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 359.

³ MERCADANTE, Paulo. *A Consciência Conservadora no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 97.

No campo epistemológico, o principal fator dessa mudança está na releitura que se faz da História Política, chamada por alguns historiadores de “*Nova História Política*” ou “*Política Cultural*”, através da qual passamos a ter uma maior preocupação em tratar do campo político em estreita ligação com o religioso. Esse novo olhar permite, então, que se localize um *interdiscurso* e *intertextualidade* entre o Brasil e Portugal quanto à construção discursiva do movimento e campo de atuação dos integralistas, mais o lugar dos católicos no movimento, o que também nos leva a relacionar o movimento das missões do século XX e a participação dos Jesuítas portugueses na propagação e atuação do movimento integralista.

Na década de 1980, mais especificamente em 1986, o Pe. Ferdinand de Azevedo publicou um livro que aqui tomamos como objeto de nossa análise para mostrar resultados diferentes para os estudos do integralismo em função das fontes de informação: “*A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste: 1911-1936*”⁴. Neste livro, o autor utiliza-se de documentos dos arquivos da *Escola Apostólica de Baturité*; da *Província Portuguesa*; da *Província Setentrional da Companhia de Jesus no Brasil*; da *Residência Cristo Rei, Fortaleza*; do *Colégio Antônio Vieira, Salvador*; do *Colégio Manuel da Nóbrega, Recife*; e, “*Consultas da Missão Portuguesa, 1911-1938*”. No trabalho, ele está profundamente preocupado em mostrar a missão “heróica” dos Jesuítas portugueses que, expulsos de Portugal por ocasião das perseguições após a implantação da Primeira República em 1910, foram para o Brasil/Nordeste em busca de abrigo e para continuar seus trabalhos missionários, bruscamente interrompidos em Portugal.

O livro, ao contrário da historiografia predominante sobre o Integralismo e a Era Vargas, constituiu-se em fonte de informação das influências de Portugal nos estudos do Integralismo, com clara indicação dos documentos que registram essa relação, especialmente acerca da atuação da *Missão Portuguesa no Nordeste* na formação da intelectualidade pernambucana que deu suporte aos ideais integralistas na região. Além da indicação de vários memorialistas e biografias, especialmente de Jesuítas, o livro registra a importância de *Revistas Católicas* do período para uma maior compreensão da relação do integralismo com o catolicismo e com Portugal.

Entre as *Revistas* mais comentadas, destacam-se *Tradição*, *A Tribuna Religiosa*, *A Ordem*, *Fronteiras* e outras revistas católicas do período. Registre-se que, algumas dessas revistas possuíam os mesmos nomes de revistas que circulavam neste período em Portugal, conforme indicação documental nas pesquisas de António Costa Pinto, em seu livro *Os Camisas Azuis*, ao tratar do Integralismo Lusitano e do Nacional Sindicalismo. Essas fontes são de grande relevância para os que querem investir nos estudos da relação do Integralismo no Brasil com Portugal, fora dos lugares já comuns na historiografia.

Através destes livros, tomamos conhecimento de documentos e arquivos que oferecem um vasto olhar para as relações entre os dois países neste período e a importância de alguns Jesuítas no movimento integralista. Segundo as fontes destacadas por Pe. Ferdinand, um dos que mais se destaca nessa relação entre Portugal e o Brasil quanto as idéias integralistas é o Pe. António Fernandes. Em 1929, ele era um dos que, através da Associação Desportiva Acadêmica, manteve intercâmbio cultural com o Centro Católico Dom Vital, onde freqüentavam um relativo número de inte-

⁴ AZEVEDO, Ferdinand. S.J. *A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste: 1911-1936*. Recife, FASA, 1986.

lectuais católicos responsáveis pelo Integralismo no Estado de Pernambuco, que, por sua vez, estava ligado ao Centro Dom Vital no Rio de Janeiro.

O Pe. Fernandes, através da *Revista Fronteiras*, editada por Manuel Lubambo, circulava cotidianamente as idéias do corporativismo de Salazar e do seu Estado Novo entre a intelectualidade católica brasileira, que nesse período no Brasil era um dos fortes apoios do movimento integralista.⁵ Segundo as observações do Pe. Ferdinand de Azevedo, a aceitação e divulgação dos ideais do Corporativismo de Salazar pelo Pe. Fernandes era o resultado de uma luta dos missionários portugueses desse período na luta contra a Primeira República, vendo em Salazar uma forma de retorno das suas atividades no país.

Além de investir na defesa do pensamento Salazarista, os colaboradores de *Fronteiras*, entre eles os Jesuítas, procuravam acender na memória intelectual brasileira os aspectos positivos de um retorno da Monarquia no Brasil ou em favor da ditadura que se propagava no mundo: “A tradição brasileira é hispânica e católica. Homenagear o calvinista holandês é um ultrage não só a nossa cultura como à memória dos heroes, glorias militares do nosso paiz, que se ergueram contra o jugo dos invasores, aos gritos de ‘viva a liberdade’. ‘viva a nossa fé’, viva o nosso Rei’”.⁶

Segundo o Pe. Ferdinand Azevedo, outro grande colaborador de *Fronteiras* era o Pe. Seraphim Leite, S.J. que sempre apoiava o Pe. Fernandes e, em seus artigos sempre tecia elogios a Plínio Salgado e a Alceu Amoroso Lima. Destacando trechos das falas de Otto Guerra e Oscar Lustosa acerca desses religiosos no movimento integralista, Pe. Ferdinand comenta que:

«É bom lembrar que o ambiente político-social no Brasil na década de 1930 não era favorável à democracia e movimentos radicais de direita e de esquerda predominavam. A grande simpatia pela Ação Integralista Brasileira de muitos Bispos e de Católicos de grande valor moral e intelectual evidencia esse fato. Sabe-se que no início do movimento integralista, Alceu Amoroso Lima aconselhou os moços com vocação política a entrarem na AIB.»⁷

Seguindo em suas observações ele, então, mostra a relação desse grupo com Portugal:

«Outra indicação do ambiente político no Brasil foi o movimento Ação Imperial Patrianovista, fundada por Arlindo Veiga dos Santos em São Paulo em 1929. O movimento quis restabelecer a Monarquia no Brasil na pessoa de Dom Pedro de Orleans e Bragança. No Recife, houve vários adeptos como

⁵ Observe-se que, em Portugal o Integralismo Lusitano surge em 1926, mas com a morte de António Sardinha em 1929 o grupo se dispersa, seguido um grupo mais radical para a formação do Nacional-Sindicalismo, segundo António Costa Pinto, o modelo fascista português; enquanto no Brasil, o integralismo ascende oficialmente em 1932 e atua até 1937, oficialmente, momento de ascensão de Salazar. Levando o historiador, que deseja ver a relação entre Brasil e Portugal nesse momento, a relacionar se emaranhar numa trama bastante complexa entre integralistas lusitanos dispersos, nacional-sindicalistas e Salazar *versus* Integralistas brasileiros e Vargas.

⁶ AZEVEDO, Ferdinand. *op.cit.* p. 133.

⁷ AZEVEDO, Ferdinand. *Apud*, GUERRA, Otto. “A Igreja e a Ação Integralista Brasileira”. *Boletim do CEPEHIB*. São Paulo, 5(4-19):9, out, 1983; LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. O.P. “A Igreja Católica e o Integralismo no Brasil, 1932-1939”. *Revista de História*. São Paulo, 54 (108):503-32, 1976.

Luiz Delgado e Sérgio Higino. Manuel Lubambo também se declarou Monarquista, porém, matizado [completa ...com a Monarquia das Corporações].»⁸

Na seqüência, o Pe. Ferdinand diz que “o interesse pela Monarquia em Recife era tão forte que em 1937 Sérgio Higino junto com Guilherme Auler lançaram a Revista “Tradição”, que objetivava os ideais do patrianovismo”.⁹ Guiada por essas informações, localizamos e lemos a Revista *Tradição* na qual localizamos inúmeros textos que comprovam a forte presença das idéias do Integralismo Lusitano entre os defensores do Integralismo em Pernambuco.

Os textos publicados nessa Revista com a colaboração de intelectuais católicos e Jesuítas nos leva, então, a confirmar um profundo retorno da relação entre Brasil e Portugal nesse momento político-cultural que vai até 1945 em nossas pesquisas, na qual se localiza uma composição textual saudosista e propagadora do retorno da presença de Portugal na vida política e cultural brasileira pela via dos integralistas. Destaca-se com grande ênfase uma literatura ligada à exaltação da memória de António Sardinha, fundador do integralismo lusitano. Sardinha era cotidianamente citado e um dos grandes homenageados pela revista *Tradição*, de grande circulação entre intelectuais católicos e jesuítas do estado de Pernambuco.

Com isso, a história do Brasil retoma sua ligação com a de Portugal acerca de um tema que foi por muitos anos tratado por outras óticas e lugares. Penso que estes fragmentos de dados podem nos servir para fazer aqui uma breve conclusão do que até vimos tentando dizer acerca das possibilidades de ampliação do conhecimento histórico. Conforme se tentou mostrar, quando optamos por sair dos lugares comuns e ousar novos olhares sobre a história, acabamos por descobrir novos fatos até então negligenciados e/ou esquecidos num canto de algum arquivo. Outro ponto importante aqui a se destacar é a importância que passa a ter hoje a necessidade do historiador ser tão historicizado quanto seu objeto, dado que, em função das suas condições de trabalho, a história ganha novas perspectivas de análise.

Finalmente, queremos dizer que estas leituras e pesquisas foram possíveis porque a produção de conhecimento em nossos dias congrega a acumulação das convenções metódicas de vários momentos e isso gerou muitas formas de interpretação histórica. Alguns pesquisadores afirmam estarem perdidos diante da ampliação do leque quanto ao caminho a seguir. Contudo, uma coisa já ficou mais ou menos em consenso para os historiadores, não é mais possível pensar a pesquisa em história fora da relação objeto-sujeito no tempo presente da produção historiográfica.

Pois, como nos diz Bruno Latour,¹⁰ a polêmica sobre a produção do conhecimento chegou a uma questão que já se aproxima de um senso comum: *acerca da impossibilidade de separar sujeito-objeto. E, é a clareza dessa impossibilidade, a partir da falência dos projetos que tentaram superar essa dicotomia, que percebemos o sentido da relação sujeito-objeto.* O sujeito escolhe o objeto e o objeto reflete quem é o sujeito. Quando vamos aos resultados das pesquisas históricas, logo temos as marcas da subjetividade no ob-

⁸ AZEVEDO, F. *Apud*, LUBAMBO, Manuel. *Olinda e outros ensaios*. Recife, 1945.

⁹ AZEVEDO, Ferdinand. *Op. Cit.* p.142.

¹⁰ LATOUR, Bruno. *A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001. p. 336.

jeto escolhido e a forma como o mesmo foi lido, interpretado. O resultado dessa percepção é que o próprio historiador ao ser historicizado permite uma compreensão maior do seu objeto e do seu olhar, justificando-se os seus resultados num patamar que tem levado muitos a falar em relatividade da verdade dos fatos históricos, chegando-se ao consenso de que hoje vivemos com a possibilidade de várias verdades em função dos lugares de olhar do historiador e de sua perspectiva de abordagem.

E, nisso, também estamos concordando com Jörn Rüssen, permitindo-nos aqui voar para outras reflexões e verdades em relação ao integralismo, quando destaca a importância das condições de produção do conhecimento histórico quanto às questões da objetividade e subjetividade inerentes ao trabalho do historiador. Agora é tempo de o historiador pensar-se a si mesmo, ao seu objeto e aos seus métodos, investindo no “*Paradigma narrativista*” onde reflete as condições do seu trabalho como resultado da potencialidade do seu pensamento histórico no momento em que atua.¹¹

¹¹ RÜSSEN, Jörn. *Razão Histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.